



Resenha

Família: modos de usar

De Rosely Sayão e Júlio Groppa Aquino

Campinas: Papirus, 2006.

João Pedro da Fonseca¹

“Queremos defender não apenas a escola, mas também a família dos moinhos de ventos contemporâneos”.

É com este espírito que, depois do bem-sucedido “Em defesa da Escola”, Rosely e Júlio retornam com outro livro compartilhado, em que conversam e trocam idéias a respeito da família, instituição que, juntamente com a escola, enfrenta dificuldades e ameaças de toda ordem.

Muito oportuna a escolha do tema, pois os autores reafirmam a “crise” da família em várias passagens: “parece que a sociedade anda inquieta com a instituição familiar do modo como ela se apresenta hoje”, “os pais estão angustiados a respeito de seu papel” e “a instituição familiar está em declínio”.

O título é uma provocação, pois faz lembrar bula, manual, receita, literatura de auto-ajuda, discurso prescritivo e serviço especializado, o oposto do que o livro pretende ser.

Se as bulas costumam ficar esquecidas no fundo da caixa de remédio e os manuais de eletrodomésticos e carros poucas vezes são consultados, este livro merece destino diferente, com leituras críticas e debates.

Ao trocar idéias a respeito de tema reconhecidamente complexo, os autores apresentam reflexões e indagações de difíceis respostas, como “o que é a família hoje?” e “o que é educar?”.

Na conversa entre a jornalista e o educador desfilam questões que costumam tirar o sono de quem está envolvido com a formação das novas gerações, como “as novas configurações daquilo que ainda chamamos família hoje”, as fronteiras entre o “espaço privado” da família e o “espaço público” da escola, a “pedagogização” das relações familiares e a “familiarização” das relações escolares, o universo das drogas (a respeito do qual pouco sabemos, como reconhecem os autores), a questão dos limites, a superproteção e o abandono.

O livro levanta questões cruciais da educação familiar e da educação escolar, embora devamos também reconhecer que, se fazem bem em criticar o “atalho confortável, mas enganoso da literatura da auto-ajuda” e dos “manuais pseudo-educativos”, os autores se viram diante de “muita areia para pouco caminhão”.

Fica a sugestão para que, no próximo caminhão, ou melhor, no próximo livro, Rosely e Júlio repensem algumas passagens, como a “maldita herança dos psicólogos e sua mania de prescrever fases de desenvolvimento”, “há uma coisa que me irrita demais”, “o esquadrão do ‘feto pedagó-

1. Livre Docente pela Universidade de São Paulo/USP. Atualmente é professor associado (aposentado) da Universidade de São Paulo. Orienta dissertações e teses no Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da USP. Em processo de finalização do livro PROJETO EDUCATIVO DE ESCOLA. Tem experiência em Educação na área de Gestão Escolar.

gico' está solto por aí", "faça assim, faça assado, dará errado", "sucesso como efeito colateral" e "é preciso, de uma vez por todas, estabelecer uma relação de discricção entre família e escola".

Muitas rotulações, como "clichês", "mania nacional", "verborragia emocional", "ridícula" e "balela" também soam destoantes numa troca de idéias entre os simpáticos Dom Quixote e Sancho Pança, que não podem ser classificados de superficiais nem de autoritários.

Enfim, um livro para ser debatido por educandos e educadores, na escola e na família.

Recebido em 05/03/2007

Aprovado em 02/05/2007

Para citar este trabalho:

FONSECA, João Pedro da. Família: modos de usar. *Revista @mbienteeducação*, volume 1, número 1, Jan/Julho 2008. (Resenha). Disponível em: http://www.cidadesp.edu.br/old/revista_educacao/index.html. Acesso em: __/__/__